

## **Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa Histórica: um projeto integrado e interdisciplinar de formação de professores de história**

Alexandre Pianelli Godoy\*

### **Resumo**

O presente trabalho pretende discutir o desenvolvimento de um projeto de formação de professores de história dentro do curso de licenciatura em história da Universidade Camilo Castelo Branco da cidade de São Paulo. O projeto procura integrar a prática da pesquisa histórica e o ensino de história. Para tanto, procura articular de forma interdisciplinar a história do ensino de história e da história da educação com a preocupação de formar professores pesquisadores dentro de seu campo de atuação.

**Palavras-chave:** ensino de história; formação de professores; projeto integrado.

### **Abstract**

The present work intends to discuss the development of a Project aiming the formation of history teachers in the course of bachelors in history at the Castelo Branco University of São Paulo. This Project intends to integrate the practice of historical research and teaching of history. So far it intends to articulate the teaching of history of the history teaching and the history of education in an interdisciplinary way. This proposition aims to form research teachers inside their acting area.

**Keywords:** history teaching; teacher formation; integrated project.

### **Introdução:**

Esse artigo é fruto de três anos de docência e pesquisa (2006-2009) no curso de Licenciatura em História na Universidade Camilo Castelo Branco, localizada no bairro de Itaquera na Zona Leste da cidade de São Paulo. Nesse período, fui responsável pelas disciplinas que envolviam a articulação entre o conhecimento histórico e o conhecimento pedagógico, além da supervisão e coordenação de estágio. Hoje me encontro em outra instituição, mas a experiência adquirida contribuiu para minha profissionalização na formação de professores, ainda que a discussão no Brasil careça de bases epistemológicas, jurídicas e práticas mais consistentes. O mesmo problema pode ser verificado em países como a Bélgica, a França e a Suíça, embora nesses contextos haja um esforço de reflexão de uma “identidade ainda balbuciante” (SNOECKX, 2003: 21). Nesse sentido, o texto trata de uma história de um percurso de trabalho vivido em uma instituição privada de ensino superior, mostrando seus

---

\* Professor da Universidade Federal de São Paulo – Curso de História, Campus Guarulhos. Doutor em História Social.

limites e possibilidades, mas também de uma tentativa de sistematizar uma prática profissional de formação de professores de história.<sup>1</sup>

Em 2006, um aluno de graduação da UNICASTELO me perguntou em tom de dúvida, desafio e perplexidade: qual a necessidade de uma disciplina de prática e metodologia do ensino de história em um curso de licenciatura em história?

O que estava explícito na pergunta era uma afirmação de base: um curso de história forma professores independente de uma discussão específica sobre o assunto e a disciplina torna-se, portanto, redundante ou desnecessária. Procurei compreender a temporalidade da indagação em um contexto de permanência da desarticulação entre ensino e pesquisa, bacharelado e licenciatura, universidade e escola, indicados por Déa Ribeiro Fenelon desde o início dos anos 1980 (FENELON, 1982), em tensão com as mudanças do início do século XXI: o aumento exponencial das pesquisas de mestrado e doutorado sobre o tema ensino de história (MONTEIRO; CIAMPI, 2006); a criação de cadeiras de ensino de história nos cursos de bacharelado/licenciatura em história e não apenas alocados nas faculdades ou centros de educação; a urgência de modificar as práticas em sala de aula com o crescimento de cursos de capacitação para professores de história em formação continuada fomentados pelos governos federal, estaduais e/ou municipais.

Fruto deste entretempo, novos alunos são recebidos em nossos cursos de graduação embebidos em representações múltiplas e contraditórias do que significa pesquisar e ensinar história. A falta de uma dimensão coletiva de planejamento político e pedagógico para os cursos consiste em um grande entrave para a formação profissional, embora os espaços de atuação tenham sido ampliados. Em meio a este processo turbulento, o ensino de história vem ganhando importância dentro das licenciaturas/bacharelados como eixo entre a prática da pesquisa histórica e a da sala de aula no ensino fundamental e médio. No entanto, a autonomia universitária somada à falta de profissionalização dos formadores de professores e a ausência de planejamentos que reflitam sobre os significados do que é formar professores pesquisadores, resultem em propostas curriculares teoricamente “emancipadas”, mas ainda presas às práticas normativas: a linearidade temporal, o eurocentrismo do processo histórico e a clássica divisão entre teoria, metodologia e as disciplinas de conteúdos específicos.

---

<sup>1</sup> O texto expressa a minha posição político-pedagógica do processo de trabalho frente à comissão de reformulação curricular e como docente, coordenador e supervisor de estágio, logo, pode diferir de outros membros do colegiado de história, da coordenação do curso e da direção da Universidade Camilo Castelo Branco.

## **O processo de criação de disciplinas acadêmicas e a formação de professores de história:**

Todos esses desafios foram enfrentados no curso de Licenciatura em História da UNICASTELO no ano 2006. Em 2005, uma crise institucional veio à tona e aprofundou as contradições, com o atraso no pagamento dos salários e do fundo de garantia dos professores, da greve inédita de docentes e discentes que mereceu poucas páginas nos jornais a não ser para desmerecê-los, além de uma grade curricular que pouco lembrava um curso de formação de professores de história. Diante desse quadro, formamos uma nova equipe de professores, uma nova coordenação e elaboramos o projeto pedagógico do curso que contemplasse uma dimensão de *profissionalidade*. Fui responsável pela formulação das competências e habilidades do curso e pelas ementas das disciplinas e dos programas de ensino de história<sup>2</sup>.

Quatro disciplinas devem se articular em diferentes momentos da formação nos seis semestres de curso: *Fundamentos e Práticas dos Estudos em História* (1º semestre), *Reflexões sobre a Prática do Ensino em História* (4º semestre), *Prática e Metodologia do Ensino em História* (5º semestre) e *Projeto Integrado e Prática Interdisciplinar: Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa em História* (6º semestre).

A disciplina de *Fundamentos e Práticas dos Estudos em História* veio substituir a engessada disciplina de *Introdução aos Estudos Históricos*, nascida na França no final do século XIX para formação de pesquisadores pouco afeitos às especificidades do ensino de história frente aos desafios de nossa realidade contemporânea. A disciplina preocupou-se menos em trabalhar com uma história da historiografia em longa duração<sup>3</sup> e mais em desenvolver os conceitos fundamentais da área articulados ao ensino de história na atualidade: *história, método, tempo/espaço, documento, fato e sujeitos históricos*. Para cada conceito havia um texto de discussão teórica e uma atividade prática com fontes documentais, isto é, um exercício metodológico para que os licenciandos dialogassem os conceitos com as práticas da pesquisa/ensino de história.

A disciplina de *Reflexões sobre a Prática do Ensino em História* veio substituir a disciplina de *Prática e Metodologia do Ensino de História I*, desvinculando-se da idéia de que cabe às faculdades de educação formar os professores sem estabelecer diálogo com a

---

<sup>2</sup> **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE HISTÓRIA (LICENCIATURA) DA UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO (UNICASTELO)**, 2008, versão final. Há duas versões preliminares de 2006 e 2007. O curso de história da Universidade foi criado em 1990, mas reconhecido pela Portaria do Ministério da Educação de nº 1126, em 8 de setembro de 1995, publicada no Diário Oficial da União em 11 de setembro de 1995. O Projeto Pedagógico será referido no texto por: PPC/HIST – UNICASTELO, 2008.

<sup>3</sup> As disciplinas de *Historiografia Brasileira, Teoria da Historiografia I e II* são as responsáveis por fazer essa discussão. Ver nota 5 sobre a grade curricular Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008.

produção do conhecimento histórico a não ser de maneira técnica orientada pelas ciências pedagógicas. A disciplina preocupou-se em discutir a historicidade do ensino de história por meio da interpretação de documentos históricos e não apenas pela leitura de textos historiográficos que, de alguma forma, trazem prontos uma explicação do processo de constituição da disciplina escolar de história. Em seguida, buscou-se trabalhar com os conceitos que relacionam a produção do conhecimento histórico e o ensino de história: *cultura escolar* (JULIA, 2001), *saber docente* (TARDIF, 2004) e *saber histórico escolar* (BITTENCOURT, 1993). Posteriormente, discutimos o processo de produção e transmissão do conhecimento histórico escolar no ensino fundamental, médio e da EJA por meio da análise e interpretação de relatos de experiências concretas de sala de aula. Por fim, discutimos o currículo de história em perspectiva histórica relacionando às práticas concretas de sala de aula com os planejamentos de aula, de curso e a correlação tensa entre currículos formais/prescritos, reais/ativos, ocultos e avaliados. (SACRISTÁN, 2000).

A disciplina de *Prática e Metodologia do Ensino em História* veio substituir a disciplina de *Prática de Metodologia do Ensino de História II*. Na disciplina procuramos partir para a prática reflexiva, pois na disciplina anterior o trabalho foi o de refletir sobre a prática. Entretanto, tomamos o cuidado de não cair nas armadilhas que o conceito de “profissional reflexivo” ensejou no cenário internacional, e particularmente no Brasil, em tempos neoliberais.

Para a construção de uma prática reflexiva atenta à realidade dos professores de história em seus contextos profissionais e sociais, a disciplina preocupou-se em trabalhar os usos e apropriações dos livros didáticos de história no ensino fundamental e médio, bem como a utilização de documentos históricos de diversas naturezas lingüísticas em perspectivas interdisciplinares, tais como: a imprensa e a história do tempo presente, a fotografia e a memória das paisagens e a cultura material escolar e o estudo do meio. Tal opção veio substituir a idéia de que os documentos e suas linguagens devem ser trabalhados em sala de aula apenas em sua dimensão epistemológica. Ao adotar uma abordagem teórica para tratar determinado documento histórico e sua especificidade lingüística, procuramos aliar epistemologia e política. Por fim, a disciplina propôs a reflexão e a construção de materiais didáticos sobre temas que evoluíssem às questões de gênero e étnicas (afro-indígena) no ensino de história não somente para atender às demandas das atuais propostas curriculares e das leis federais, mas, sobretudo, como horizonte político da formação do professor pesquisador de história baseado em uma educação intercultural (CANDAUI, 2006).

O processo de formação culmina na disciplina *Projeto Integrado e Prática Interdisciplinar: Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa em História (PIPI)*. A disciplina foi criada como forma de integrar a área de componentes curriculares *históricos específicos*<sup>4</sup>, *teórico-metodológicos*<sup>5</sup>, *pedagógicos, práticas de ensino e pesquisa*<sup>6</sup> e “*disciplinas auxiliares*”<sup>7</sup>. Na disciplina os licenciandos devem elaborar um projeto de pesquisa individual para a composição de equipes de pesquisa. Os projetos individuais serão integrados por afinidades temáticas e desenvolvidos por meio de uma pesquisa de campo coletiva cujo resultado será a produção de um artigo acadêmico elaborado em grupos.

A idéia central é que os licenciandos possam efetivamente pesquisar sobre determinado tema recorrendo aos textos historiográficos, às fontes documentais e à teoria da historiografia a partir da montagem de uma problemática de pesquisa. O que visa suprir a defasagem que ocorre nos cursos de licenciatura plena, com duração reduzida, mas com excessiva carga horária<sup>8</sup>, ocasionando a falta de espaço para o desenvolvimento de pesquisas dentro de cada componente curricular; além do perfil do “aluno-trabalhador” que pouco tempo dispõe para uma leitura sistematizada dos textos-base das disciplinas. Outro desafio enfrentado à execução da pesquisa foi o da interdisciplinaridade, pois apesar da diversidade de disciplinas a serem cumpridas em um semestre, nem sempre há atitude interdisciplinar devido à falta de planejamento pedagógico coletivo, resultado do tipo de contrato de trabalho da maioria dos docentes que atuam como horistas e poucos com plano de carreira definido.

---

<sup>4</sup> *Antiguidades; Brasil Colonial; Antiguidades e Fundamentos do Mundo Medieval; História e Culturas Indígenas; América Colonial; História da África; História e Cultura Afro-Brasileira; Medievalismo; Brasil Império; Renascimento e Iluminismo; História, Cidade e Políticas Públicas; Modernidade e Revoluções; América Independente; Brasil República; Mundo Contemporâneo; África Contemporânea; Políticas da América Contemporânea; Conflitos na Contemporaneidade e Brasil Contemporâneo*. Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008, pp. 26-27.

<sup>5</sup> *Fundamentos e Práticas dos Estudos em História; Historiografia Brasileira; Teoria da Historiografia I e Teoria da Historiografia II*. Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008, pp. 27-28.

<sup>6</sup> *Métodos e Técnicas de Pesquisa; Psicologia da Aprendizagem; Psicologia do Desenvolvimento; Didática e Prática de Ensino da Educação Básica; Instrumentos e Práticas de Ensino; Organização da Educação Básica; Reflexões sobre o Ensino e Prática em História; Prática e Metodologia do Ensino em História; Política da Organização Básica e Projeto Integrado e Prática Interdisciplinar: Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa em História (PIPI)*. Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008, p. 28.

<sup>7</sup> *Antropologia Cultural; Língua Portuguesa: produção de texto e intertextualidades; Educação e Novas Tecnologias; Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS); Filosofia, Tecnologia e Cultura e Educação em espaços não escolares*. Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008, p. 28.

<sup>8</sup> O curso de licenciatura em História da UNICASTELO é realizado em três anos com carga horária total de 3360 horas, assim distribuídas: LIBRAS em EAD (Educação à Distância): 40 horas; aulas práticas: 300 horas; aulas teóricas: 2100 horas; visitas técnicas: 80 horas; componentes curriculares flexíveis: 240 horas; atividades complementares: 200 horas; estágio supervisionado: 400 horas. Cf. PPC/HIST – UNICASTELO, 2008, pp. 25-26. Comparando-se com as cargas horárias dos cursos de graduação em História na modalidade licenciatura da PUC/SP, USP e UNIFESP, temos por volta de 3300 horas cumpridas durante quatro anos de curso, conforme dados obtidos das grades curriculares disponíveis nos sites das instituições.

Antes, porém, de refletir sobre o processo de trabalho na disciplina, outra questão fundamental necessitava atenção para o desenvolvimento do curso: o estágio supervisionado.

### **O estágio supervisionado em história: do percurso interrompido às práticas integradas**

O estágio supervisionado em um curso de licenciatura é fundamental para articular teoria e prática. No entanto, de 2006 a 2008, o modelo de estágio até então verificado pautava-se na racionalidade técnica, com uma extensa lista de fichas burocráticas que reforçavam a observação passiva das aulas dos professores e sem nenhuma preocupação com as singularidades da prática de ensino de história.

Para ultrapassar essa visão propus inicialmente um estágio como pesquisa para que os licenciandos em uma primeira etapa fizessem o reconhecimento da *cultura escolar*, na segunda etapa do *saber histórico escolar* e na terceira etapa um projeto de intervenção na escola que envolvesse os dados levantados nas etapas anteriores. Uma experiência piloto foi desenvolvida no curso de história com bons resultados, mas o projeto foi abandonado por esbarrar novamente na tradição tecnicista que persistia na instituição, bem como no contrato de trabalho dos professores que impedia um acompanhamento pormenorizado do estágio e da falta de pagamento de horas proporcionais para uma supervisão mais consistente que a nova proposta exigia. Além disso, não houve esforço para articular as disciplinas de ensino de história à supervisão de estágio, o que inviabilizou o projeto.

No final do ano de 2008, os cursos de licenciatura da Universidade conseguiram reformular seus projetos pedagógicos e, conseqüentemente, o estágio supervisionado, conquistando certa margem de autonomia para desenvolver um programa de estágio para as diferentes áreas do conhecimento desde que respeitassem as normas gerais válidas para toda instituição<sup>9</sup>. Como supervisor e coordenador de estágio, fui responsável por alinhar as normas gerais às normas complementares e a “parte diversificada”, que deve se ocupar com a

---

<sup>9</sup> **NORMAS PARA O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISINADO DA UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO**, 2008. Composta por: **Etapa I:** 1. 60 h/a de observação/ participação e 20h/a de regência de aulas na(s) disciplina(s) designada(s) pelo supervisor de estágio no ensino fundamental II em escolas da rede pública ou particular; 2. 20 h/a de relatório diagnóstico da escola; 3. Parte diversificada: 50 h/a de projeto de estágio no ensino fundamental II; **Total: 150 h/a;** **Etapa II:** 1. 30 h/a de observação/ participação e 10h/a de regência de aulas na(s) disciplina(s) designada(s) pelo supervisor de estágio no ensino médio em escolas da rede pública ou particular; 2. 10 h/a relatório de relatório diagnóstico e reflexivo da proposta pedagógica da escola; 3. Parte diversificada: 100 h/a de projeto de estágio desenvolvido em escolas do ensino médio; **Total: 150 h/a;** **Etapa III:** 1. 20 h/a de observação/ participação e 10h/a de regência de aulas na(s) disciplina(s) designada(s) pelo supervisor de estágio em escolas da rede pública ou particular; 2. 10 h/a relatório de avaliação das situações de aprendizagem na escola; 3. Parte diversificada: 60 h/a de projeto de estágio em escolas do ensino fundamental e/ou médio (a critério do supervisor de estágio). **Total: 100 h/a.** Cf. PPC/ HIST – UNICASTELO, 2008, pp. 84-85.

formação do professor de história. A grande diferença para o formato anterior é que cada etapa de estágio é coordenada pelos professores das disciplinas de ensino de história, a partir da segunda metade do curso, conforme a legislação vigente, respectivamente distribuídas: *Reflexões sobre a Prática e o Ensino em História* (ETAPA I); *Prática e Metodologia do Ensino em História* (ETAPA II); *Projeto Integrado e Prática Interdisciplinar: Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa em História* (ETAPA III).

Na etapa I, o principal objetivo da observação/participação é aprender a olhar a *dinâmica de sala de aula* do professor de história como parte constitutiva de uma *cultura escolar* e que são filtrados pelos seus *saberes docentes*. Na etapa II, é aprender a olhar o *saber histórico escolar ensinado* mediante a *cultura escolar* na qual está imerso e que é filtrada pelos *saberes docentes* do professor de história com ênfase no *uso dos documentos em sala de aula*, bem como suas *diferentes naturezas lingüísticas*, além da presença ou não das temáticas ligadas à *cultura, gênero e etnias* no ensino de história. E finalmente, na etapa III, é aprender a olhar o *saber histórico escolar aprendido* pelos alunos a partir da *cultura escolar* na qual está imerso para investigar quais os desafios e conflitos enfrentados pelo professor de história no desenvolvimento do *currículo prescrito/normativo/formal* em sala de aula.

A “parte diversificada” de cada etapa, composto por um projeto, foi conjugada com a avaliação final de cada disciplina e com a regência para uma das séries onde o licenciando estagia. Para a etapa I, um planejamento de ensino sobre a história local do bairro/escola e o desenvolvimento de uma *atividade didática* como regência. Para a etapa II, um planejamento de ensino que contemple a história ensinada pelo professor na escola, mas fazendo uso de duas ou mais linguagens para o trabalho com documentos históricos em sala de aula por meio das temáticas de gênero e/ou étnicas e o desenvolvimento de uma *seqüência didática* como regência. Para a etapa III, a elaboração de um *projeto de pesquisa* individual e sua apresentação como regência, que dará seqüência para a pesquisa de campo coletiva e a redação de um artigo acadêmico em grupos, o que justifica a existência do Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa Histórica.

### **O Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa Histórica: uma experiência integrada e interdisciplinar**

Para que pudéssemos integrar as disciplinas do curso de licenciatura em história sem cairmos em uma “diluição curricular” escolhemos um tema gerador de pesquisa, uma

metodologia de pesquisa comum e uma bibliografia interdisciplinar que dialogasse as áreas do ensino de história, da pesquisa histórica e da história da educação.

Como tema gerador optou-se por estudar a atual Proposta Curricular do Estado de São Paulo para área de história e que tem afetado a vida de professores, alunos e das políticas públicas educacionais. Além de se articular com a etapa III do estágio supervisionado, que visa observar os impasses criados na relação entre ensino e aprendizagem da história na consecução do currículo formal no cotidiano escolar. Durante o estágio, os licenciandos terão a oportunidade de entrar em contato com os professores de história, com as atividades dos alunos para perceber o resultado do processo de aprendizagem e do material da própria proposta curricular composta pelos cadernos do professor e dos alunos. Nesse momento, será também a oportunidade do licenciando verificar se o professor de história aceita em participar como colaborador ao ser entrevistado para uma pesquisa orientada pela história oral. A bibliografia adotada na disciplina visa discutir os conceitos de *inter*, *multi* e *trans* *disciplinaridade*, *história da educação escolar e o ensino de história*, a importância e o significado de um *projeto de pesquisa* e a discussão sobre sua construção utilizando a *metodologia da história oral temática* (MEIHY, 2005).

Na primeira fase da disciplina, serão realizadas oficinas de pesquisa para a montagem do projeto de pesquisa individual em suas diferentes fases (levantamento do tema e do problema; definição dos objetivos e hipóteses; procedimentos de pesquisa e análise; redação final) subsidiada com textos teóricos sobre política e reformas curriculares contemporâneas como base à análise dos materiais da proposta (PROJETO SÃO PAULO FAZ ESCOLA, 2008).

Na segunda fase da disciplina, os licenciandos entregarão os projetos de pesquisas individuais que serão integrados por afinidades temáticas para a composição de equipes de pesquisa. Cada equipe de pesquisa ficará responsável pela reformulação do projeto para que ganhe dimensão coletiva e para a realização da pesquisa de campo que consistirá: no mapeamento da cultura escolar (definição da colônia); na pré-entrevista com o professor de história (formação da rede e pedido de autorização por carta para uso da entrevista na pesquisa); na entrevista (com um professor do ensino fundamental II, médio ou da EJA de história, dependendo da definição da colônia e da rede pelo grupo); na pós-entrevista, transcrição e conferência.

Na última fase, os licenciandos retornarão para a sala de aula para organizar os dados da pesquisa, cotejar as entrevistas dos professores com os materiais coletados no estágio supervisionado e da proposta curricular à luz do seu tema e problema de pesquisa para a



redação de um artigo acadêmico dentro do tema gerador sob a orientação do professor da disciplina. Por fim, apresentarão oralmente os resultados da pesquisa na semana acadêmica da instituição.

Dentro dos limites institucionais de uma universidade privada de ensino superior, acredito que o grupo de professores do qual fiz parte conseguiu ampliar o leque de atuação para mobilizar em nossos alunos o seu senso de *profissionalidade* e compromisso com a educação pública escolar no ensino de história. Saí desta instituição antes de ver o resultado final do processo de trabalho do Laboratório de Práticas de Ensino e Pesquisa Histórica, mas penso que um “projeto” (no sentido de lançar para o futuro) de integração e interdisciplinaridade foi uma marca de minha atuação no presente para ressignificar o ensino da história.

### **Referências bibliográficas:**

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), 1993.

CANDAU, Vera (org.) *Educação intercultural e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. “A formação do profissional de história e a realidade do ensino.” IN: *Projeto História*. São Paulo, n. 02, agosto/1982, pp. 07-19.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. Tradução de Gizele de Souza. IN: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas-SP: Editora Autores Associados, n.1, jan./jun. 2001, pp. 09-43.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTEIRO, Ana Maria; CIAMPI, Helenice. “Balanço crítico das pesquisas, tendências e demandas de investigação sobre os saberes escolares e os saberes docentes no ensino de história”. IN: SIMAN, Lana Mara de Castro; RICCI, Cláudia Regina Fonseca Miguel Sapag (orgs.). *VII Encontro Nacional dos Pesquisadores em Ensino de História: novos problemas e novas abordagens*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2006, CD-ROM.

PROJETO SÃO PAULO FAZ ESCOLA – *Proposta Curricular de História: Ensino Fundamental e Médio*, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SNOECKX, Mireille. “Formadores de professores, uma identidade ainda balbuciante”. IN: ALTET, Marguerite; PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe (orgs.). *A profissionalização dos formadores de professores*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003, pp. 21-40.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 4ª edição. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: RJ, Vozes, 2004.